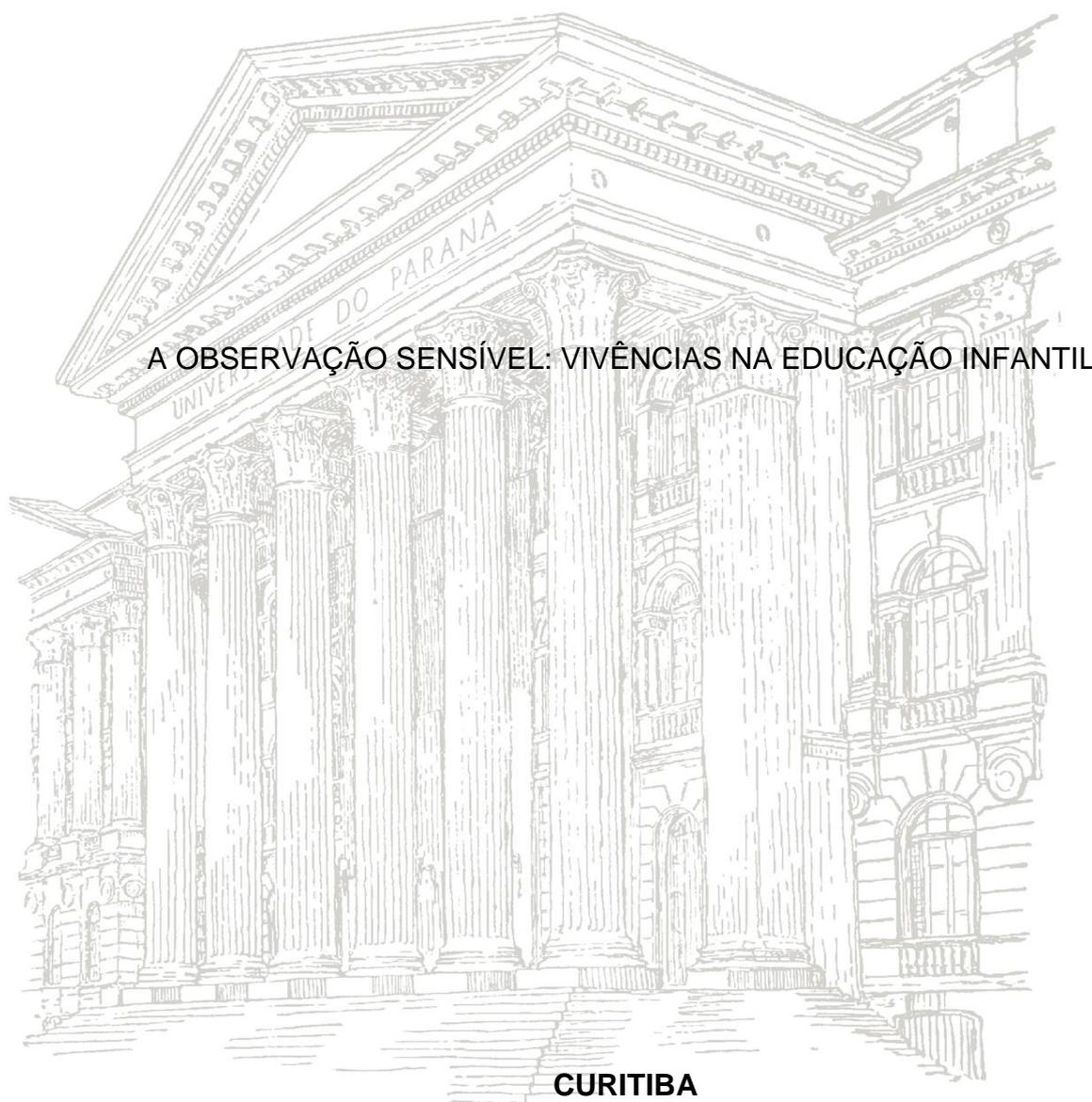


**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

**FERNANDA CORREIA DA SILVA
JÉSSICA LARISSA PEREIRA CORRÊA**



A OBSERVAÇÃO SENSÍVEL: VIVÊNCIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

**CURITIBA
2017**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

A OBSERVAÇÃO SENSÍVEL: VIVÊNCIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia, apresentado a banca examinadora, do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Professora Catarina Moro

CURITIBA

2017

DEDICATÓRIAS

Ao Jorge (Fernanda) por todo respeito, amor, compreensão, carinho, prontidão em todos os momentos difíceis, por estar presente me incentivando a concluir meus objetivos e me fazendo feliz todos os dias.

Ao Júnior (Jéssica) que com todo o seu amor e carinho, mas acima de tudo com seu companheirismo, me incentivou e me deu forças para concluir mais essa etapa da minha. “Essa vitória é nossa!”

Aos nossos familiares pelo apoio nesta longa jornada que durou cinco anos, baseados em muito estudo e dedicação de nossa parte, e da deles muita compreensão pelos momentos de ausência.

Aos nossos amigos que mesmo muitas vezes sendo trocados por estudo, nos amaram mesmo assim. Pelas alegrias, tristezas e dores compartilhadas. Com vocês, as pausas entre um parágrafo e outro de produção melhora tudo o que temos produzido na vida.

AGRADECIMENTOS

À Deus que nos deu saúde e forças para concluirmos mais essa etapa em nossas vidas. Pois sem Ele nada é possível.

À todos os professores que deixaram suas marcas em nossas vidas e que de alguma maneira nos encheram cada vez mais de conhecimentos, nos despertando curiosidade e fazendo com que cada vez mais realizamos descobertas incríveis, e assim nos apaixonássemos cada vez mais pela educação.

À minha amiga, colega de TCC, por confiar e compartilhar os conhecimentos durante esses anos. Pelas contribuições em todos os momentos da pesquisa, pelo carinho, pelas alegrias, pelos momentos agradáveis e também apreensivos. Desse encontro em que nasceu uma grande amizade, que permanecerá pelo resto de nossas vidas.

À professora Dra. Catarina Moro, obrigada por ter dedicado um pouco de seu precioso tempo a nos ensinar e auxiliar nesta jornada de TCC, e principalmente por confiar em nosso trabalho. Obrigada pela orientação, pela sua fiel dedicação aos nossos encontros e estudos, pelas palavras de apoio e incentivo durante esse período. E por nos fazer apaixonar pela educação italiana.

À professora Dra. Andréa Cordeiro, pelo aceite em ser participante da banca e por ter dedicado parte do seu tempo para ler e contribuir com a nossa pesquisa compartilhando os seus conhecimentos.

Ao contrário, as cem existem

Loris Malaguzzi

A criança
é feita de cem.
A criança tem cem mãos
cem pensamentos
cem modos de pensar
de jogar e de falar.
Cem sempre cem
modos de escutar
de maravilhar e de amar.
Cem alegrias
para cantar e compreender.
Cem mundos
para descobrir.
Cem mundos
para inventar
Cem mundos
para sonhar.
A criança tem
cem linguagens
(e depois cem cem cem)
mas roubam-lhe noventa e nove.
A escola e a cultura
lhe separam a cabeça do corpo.
Dizem-lhe:
de pensar sem mãos
de fazer sem a cabeça
de escutar e de não falar
de compreender em alegrias
de amar e de maravilhar-se
só na Páscoa e no Natal.
Dizem-lhe:
de descobrir um mundo que já existe
e de cem roubaram-lhe noventa e nove.
Dizem-lhe:
que o jogo e o trabalho
a realidade e a fantasia
a ciência e a imaginação
o céu e a terra
a razão e o sonho
são coisas
que não estão juntas.
Dizem-lhe enfim:
que as cem não existem.
A criança diz:
ao contrário, as cem existem.

RESUMO

Esta pesquisa, realizada como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Paraná (UFPR), é um estudo sobre os processos de observação que podem ser utilizados pelos professores nos espaços da educação infantil. O qual nos proporcionou uma breve análise histórica da educação infantil, sua essencialidade, estabelecendo relações entre o Brasil e a abordagem italiana de Reggio Emiliana, criada pelo seu idealizador Loris Malaguzzi, conhecida mundialmente por sua especificidade em contemplar as linguagens da criança. Temos como objetivo entender a fundamentação relacionada ao processo de observação na educação infantil, buscando compreender entre alguns aspectos as funções metodológicas da observação para as práticas educativas que esta possa nortear. Com base nas pesquisas bibliográficas, procuramos autores que dialogassem com o intuito de demonstrar que a observação baseada na escuta atenta e sensível da criança, é uma, entre várias ferramentas, que pode ser utilizada no cotidiano da educação infantil, a fim de subsidiar o processo de ensino aprendizagem e significar experiências por meio da documentação. Os resultados obtidos por esta análise nos permitiram entender que a observação não é uma tarefa fácil, mas é crucial para o trabalho pedagógico, pois através desta conseguimos refletir diariamente sobre a prática, buscando assim meios de nortear as interações estabelecidas como professor mediador, os conteúdos a serem trabalhados de forma flexível, e a criança como protagonista da sua própria história.

Palavras-chave: Educação Infantil, Reggio Emilia, Observação e Documentação.

ABSTRACT

This research is a study about the observation process that can be used by kindergarten teachers which is a research project for the conclusion of the course in Pedagogy of the Federal University of Paraná (UFPR) this research provided us with a brief historical analysis of early childhood education, it's essentially establishing relations between Brazil and the Reggio Emilia approach, which was inspired by the idealizer Loris Malaguzzi. Reggio Emilia conception also is knowing worldwide for its specificity in contemplating the child's language the goal of this research is to understand the reasoning related to the process of observation in children's education seeking to understand among some aspects of the observation for the educational practices that it can guide based on bibliographical research we quoted writers who demonstrated that observation based on attentive and sensitive listening of the child may be one of several tools that can be used in daily life of early childhood education in order to subsidize the teaching and learning process and give meaning to experiences through documentation. The results obtained by this analysis allowed us to understand that observation is not an easy task, although crucial for pedagogical work. Though observation we managed to reflect daily on our practice, seeking ways to guide the interactions established as mediating teacher, the contents to be worked in a flexible way and the child as protagonist of his own history.

Key-words: Child Education, Reggio Emilia, Observation and Documentation.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO..... | 9 |
| CAPÍTULO I – A EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL | 12 |
| CAPITULO II - VER E OLHAR: OBSERVANDO A OBSERVAÇÃO | 26 |
| CAPÍTULO III - CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 40 |
| ANEXO | 42 |
| REFERÊNCIAS | 47 |

INTRODUÇÃO

O tema observação foi escolhido devido ao fato de termos frequentado durante o quarto ano do curso de Pedagogia uma disciplina que se chamava “Práticas Educativas com crianças de 0 a 3 anos na Educação Infantil: Fundamentos e Possibilidades”, que abordava a prática da observação no interior das creches, além de trazer na disciplina a abordagem Reggio Emiliana.

Durante esse tempo também participamos de outra disciplina optativa chamada “Avaliação e Educação Infantil I - Contextos Educativos”, onde a professora se referia às práticas italianas que vivenciou em seu tempo de estudos e pesquisas no país. Abrangia em seus relatos a questão da observação como ferramenta de trabalho e subsídio para outros itens necessários para uma boa prática docente.

Isto nos chamou atenção e então decidimos que queríamos saber mais, sobre esse assunto e essa prática utilizada nos Centros de Educação Infantil italianos, localizados na província de Reggio Emilia, para relacioná-los com a nossa atuação como docentes em CMEI's no Brasil, mais especificamente, localizados em São José dos Pinhais, Paraná.

Pensando em como se dá a observação e como sua prática funciona, seja na teoria pesquisada ou na realidade vivenciado, é que decidimos, neste tema aprofundar nossos conhecimentos para adquirir novas maneiras de visualizá-lo e concebê-lo.

Assim, com esse nosso interesse pelo tema, investigamos se a observação é uma ferramenta importante para cotidiano escolar que o educador poderá ou não utilizar, entre tantas outras que possam existir.

Buscamos saber se a observação nos possibilita perceber coisas sobre as pessoas, os espaços e as ações que são tomadas, que muitas vezes passam despercebidas, sem que se faça uso desse olhar atento.

Pesquisamos se observar é um ato essencial para se ter perspectivas das coisas que estão ao nosso redor, principalmente na educação infantil. Pois nos momentos em que estamos em contato com as crianças, as coisas que mais podemos aprender com elas, poderão se dar através do contato direto e/ou da observação atenta.

Compreender se a escuta pedagógica, que irá tratar de um olhar sensível e atento com relação ao outro que está ao nosso redor, fará também parte do processo de observação, como a avaliação do educando.

E se a observação poderá também gerar ou ajudar a estabelecer uma auto-avaliação, tanto dos conteúdos que foram trabalhados como das didáticas a serem utilizadas, além também de analisar as práticas dos profissionais que fazem parte desse processo.

Este trabalho tem como objetivo geral entender a fundamentação relacionada ao processo de observação na educação infantil, buscando compreender entre alguns aspectos as funções metodológicas da observação para as práticas educativas que esta possa nortear.

Com base no que foi apresentado até este momento, buscamos responder às seguintes questões:

- Em qual momento será que se inicia o processo de observação?
- Quais os instrumentos podem ser utilizados a fim de auxiliar a observação?
- A observação pode auxiliar no planejamento? E qual a sua importância para este? Como observação e planejamento se articulam?
- De que maneira a observação pode subsidiar o transcurso da avaliação?

Enfim a intenção é discutir a articulação entre a observação e as práticas educativas na educação infantil, a partir do que foi encontrado na pesquisa teórica referente a abordagem Reggio Emiliana.

Tendo então como objetivo específico: relacionar diferentes aspectos acerca da importância da observação encontrados na literatura da área; Analisar instrumentos pertinentes ao processo de observação; Identificar como a discussão sobre a observação se relaciona ao olhar atento e sensível do professor nas práticas educativas.

Realizamos um trabalho voltado para a pesquisa bibliográfica, em busca de autores que nos aportaram com relação a temática da essencialidade da observação na educação infantil.

No capítulo I: “Os rumos da educação infantil no Brasil”, vamos fazer referência aos documentos legais e autores que norteiam e asseguram a

educação infantil, como Parecer CNE/CEB Nº: 20/2009; Lei de Diretrizes e Bases da Educação Infantil (LDBEN); Lei 8.069/1990 - Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA); Sambrano (2010); Barbosa (2010); Martin (2013) como também significar um pouco da sua trajetória a fim de ressaltar a sua importância para a sociedade. Para por fim relatar um pouco sobre a abordagem Reggio Emiliana, identificando assim, o papel da observação na Pedagogia criada por Loris Malaguzzi. Essa pesquisa tem como aporte teórico as contribuições dos autores como Bove (2002); Rinaldi (2012); Souza (1996); Ostetto (2008); Nogaro (2013); Coutinho (2002).

Enquanto o capítulo II: “Ver e olhar: Observando a observação”, irá tratar sobre como se dá o processo de observação, destacando a sua essência para a educação infantil. Como também, qual é o papel do professor em todo esse processo de observação, a fim de gerar uma ponderação sobre o desenvolvimento da criança, durante um percurso vivenciado. Com base na perspectiva dos seguintes autores: Tiburi (2005); Gandini; Goldhaber (2002); Falk (2004); Baracho (2011); Micarello (2010); Rinaldi (1999).

Com relação ao capítulo III: “Considerações finais”, retornamos ao tema da observação, destacando a sua importância para a prática docente, a fim de subsidiar outros recursos e fins que podem ser utilizados nas práticas diárias na educação infantil, como também a sua necessidade de pesquisa para alcançar mais conhecimentos nesta área.

Considerando que somos Educadoras há quatro anos no Município de São José dos Pinhais – PR, Brasil. Por meio de nossas vivências, sentimos uma necessidade desse olhar diferenciado nas nossas práticas diárias estabelecidas com as crianças, para nortear esse trabalho pedagógico e assim, subsidiar outras ações e ferramentas docentes, tanto para a prática diária como para a documentação a ser realizada, como o “relatório de vivências da criança”, que construímos no final de cada semestre e assim, buscar avanços nessas práticas que podem nos auxiliar e nos reeducar como profissionais.

CAPÍTULO I – A EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL

Com o passar do tempo, especialmente no século XX - a população, as comunicações, os transportes e as rendas aumentaram e desta forma o surgimento dos movimentos feministas, o ingresso da mulher no mercado de trabalho e nas universidades, desencadearam várias mudanças na rotina familiar, principalmente na vida das crianças que acabaram ficando sob os cuidados de outros adultos, geralmente em instituições de educação infantil.

A partir desse momento, o olhar sobre a criança muda e ganha novas perspectivas, estar no espaço escolar é um direito de toda criança desde o seu nascimento, que está assegurado em diferentes dispositivos jurídicos em âmbito nacional, entre eles cabe destacar a Constituição Federal (1988), que garante a oferta de educação infantil:

O atendimento em creches e pré-escolas como um direito social das crianças se concretiza na Constituição de 1988, com o reconhecimento da Educação Infantil como dever do Estado com a Educação, processo que teve ampla participação dos movimentos comunitários, dos movimentos de mulheres, dos movimentos de redemocratização do país, além, evidentemente, das lutas dos próprios profissionais da educação. (BRASIL, 2009)

Historicamente, na sociedade em geral, a família é evidenciada, tem papel principal como instituição fundamental na constituição do sujeito.

A família determina as dimensões das práticas educativas direcionadas às crianças e, antes disso, é o primeiro ambiente no qual se desenvolve a personalidade do ser humano e o primeiro contexto de aprendizagem para as pessoas. (SAMBRANO, 2010, p. 141)

Com o passar do tempo a família da criança deixa de ser o único meio social, sendo ressignificada a relação família-criança-escola. Segundo Martin (2014) a relação entre a escola e a família é de extrema importância para que se promova o atendimento necessário e adequado as necessidades da criança. (p.87). Por mais que as famílias passem por transformações, ainda não deixam de ser a chave e fonte para a construção da identidade pessoal e social da criança.

A creche então passa a integrar a educação básica e ao sistema de ensino, permitindo o reconhecimento da criança pobre como cidadã de direitos, retirando dela o estigma de merecedora de caridade.

Como o primeiro espaço de educação coletiva da criança, fora do ambiente familiar, insere-se na base da construção da cidadania e de uma sociedade democrática, livre, justa, solidária, como prevê a Constituição Federal de 1988. (BRASIL,2012).

A garantia à educação também está estabelecida na Lei 8.069/1990 - Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), na qual, a criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho. (art 59º).

A educação infantil pressupõe uma ação complementar a da família e a da comunidade, o que implica um papel específico das instituições de atendimento às crianças de 0 à 6 anos.

De acordo com a LDBEN (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) – 1996, a educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (Título V, Seção II, Art. 29). Dessa maneira podemos notar a preocupação em considerar a criança, em todos os seus aspectos, cuidando e educando-a.

Vários outros documentos oficiais como a Lei nº11. 494/2007 (FUNDEB), o Plano Nacional de Educação de 2001/2011 e o Projeto de Lei nº 8035/2010, também afirmam o dever do Estado com a Educação Infantil, indo para além deste dever, especificando, traçando metas, operacionalizando ações que possam concretizar o direito das crianças pequenas.

Segundo Barbosa (2010), o direito das crianças frequentarem a escola, é uma significativa mudança na compreensão dos seus direitos. Isto mostra que após, uma conquista de espaço através de movimentos e mudanças na perspectiva de Educação Infantil, foi que passou a ser oferta obrigatória do Estado, fazendo com que, enquanto as mães trabalhadoras estivessem exercendo ofícios e/ou profissões, seus filhos estivessem bem assistidos por

uma instituição educacional que visasse atender as suas necessidades, utilizando uma organização curricular específica.

No Brasil, a educação infantil, etapa inicial da educação básica, atende crianças de zero a cinco anos. Há uma subdivisão na etapa, compreendendo duas sub-etapas: creche dos 0 aos 3 anos e pré-escola, dos 4 aos 5 anos.

Esta etapa da educação básica e percurso educacional se orientam não para conteúdos ou o conhecimento formal, mas deve atuar sobre dois eixos fundamentais, que são a interação e a brincadeira. Devendo a proposta pedagógica e as atividades serem desenvolvidas em cima desses dois eixos.

Assim, de acordo com a LDB (Brasil, 1996), os municípios são responsáveis pela oferta e a gestão da Educação Infantil. Porém a legislação permite que instituições privadas sem fins lucrativos façam parte do sistema público, oferecendo atendimento gratuito.

O Ministério da Educação elaborou em 2006, os Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil que contém referências a serem utilizadas:

...pelos sistemas educacionais, por creches, pré-escolas e centros de Educação Infantil, que promovam a igualdade de oportunidades educacionais e que levem em conta diferenças, diversidades e desigualdades de nosso imenso território e das muitas culturas nele presentes, a fim de que estas garantam os direitos integrais das crianças, considerando os cuidados específicos desta fase como também a relação com os demais direitos da infância. (p. 03).

De acordo com os Parâmetros Nacionais da Educação Infantil, a Política Nacional de Educação Infantil parte dessa finalidade para estabelecer como uma de suas diretrizes a indissociabilidade entre o cuidado e a educação no atendimento às crianças da Educação Infantil (BRASIL, 2005). E afirmam que as crianças têm direito à brincadeira e atenção individual; a um ambiente acolhedor, seguro e que seja estimulante; ao contato com a natureza; a higiene, saúde e uma alimentação sadia; entre outros fatores que sejam necessários para um bom desenvolvimento infantil.

Sendo assim, outro documento que contempla a educação infantil, em suas diretrizes e metas é o PNE (Plano Nacional de Educação) que foi elaborado em 1996, mas sua vigência foi entre os anos de 2001 à 2010, mas

sua vigência foi entre os nos de 2001 à 2010. Posteriormente este mesmo documento foi reformulado (2014 à 2024) e garante como primeira meta:

Universalizar até 2016, a educação infantil a pré escola para as crianças de 4 (quatro) a 5 (cinco) anos de idade e ampliar a oferta de educação infantil em creches, de forma a atender no mínimo, 50% (cinquenta por cento) das crianças de 3 (três) anos até o final da vigência deste PNE. (p. 16).

Frente a todas essas mudanças, a Educação Infantil vive um intenso processo de revisão de concepções sobre a educação de crianças em espaços coletivos, e de seleção e fortalecimento de práticas pedagógicas mediadoras de aprendizagens e do desenvolvimento das crianças. Podemos observar que a educação infantil cada vez mais, valoriza a autonomia da criança e seus aprendizados constantes.

A ESSENCIALIDADE DA EDUCAÇÃO INFANTIL

No final da década de 70 e início da década de 80, houve diversas mobilizações da sociedade civil como debates que demandavam a extensão do direito à educação para as crianças pequenas. Isto tudo através de movimentos de bairro e sindicatos nas grandes cidades, que lutavam por acesso a creches.

Os profissionais e especialistas da educação mobilizavam-se no sentido de propor novas diretrizes legais e as prefeituras procuravam dar resposta à demanda crescente por creches e pré-escolas, criando e/ou ampliando o atendimento.

Isto reflete uma mudança de concepção acerca das creches, pois deixam de ser consideradas como uma ação de assistência social ou um apoio às mulheres trabalhadoras que precisam de um lugar adequado para deixar seus filhos em função do trabalho, e então, esse atendimento passa a fazer parte de um percurso educativo, que deve se articular com os outros níveis de ensino formal e a partir desse novo ordenamento legal, creches e pré-escolas passaram a construir uma nova identidade.

Para Souza (1996), construir uma nova identidade é repensar a experiência da educação infantil, considerando a criança um ser que constrói:

É bem possível que a experiência vivida pela educação infantil nessa época possa ter gerado um repensar a respeito do seu conceito e de sua dimensão. Novas formas de se conceber a educação e de contextualizar a criança passaram a solicitar uma discussão que não ocorreria nos primórdios dos estudos sobre o tema, abordando a questão da criança como ser histórico e social, sujeito que constrói o próprio conhecimento. (p. 45).

Foram criadas assim diretrizes, elaboradas para orientar os sistemas de ensino, na organização, articulação e desenvolvimento e avaliação de propostas pedagógicas, fundamentos e princípios para a elaboração de currículos.

Contudo, foi aprovado pelo CNE (Conselho Nacional de Educação)/ CEB (Câmara de Educação Básica) o parecer número 20/2009 que revisa as Diretrizes Nacionais, no qual assegura as propostas pedagógicas de Educação Infantil que devem respeitar os seguintes princípios éticos à criança:

Cabe às instituições de Educação Infantil assegurar às crianças a manifestação de seus interesses, desejos e curiosidades ao participar das práticas educativas, valorizar suas produções, individuais e coletivas, e trabalhar pela conquista por elas da autonomia para a escolha de brincadeiras e de atividades e para a realização de cuidados pessoais diários. Tais instituições devem proporcionar às crianças oportunidades para ampliarem as possibilidades de aprendizado e de compreensão de mundo e de si próprio trazidas por diferentes tradições culturais e a construir atitudes de respeito e solidariedade, fortalecendo a auto-estima e os vínculos afetivos de todas as crianças (Art. 6).

No que se trata de desenvolvimento e acompanhamento da criança, podemos observar na Resolução Federal CNE/CEB Nº 5, DE 17 de dezembro de 2009:

As instituições de Educação Infantil devem criar procedimentos para acompanhamento do trabalho pedagógico e para avaliação do desenvolvimento das crianças, sem objetivo de seleção, promoção ou classificação, garantindo: I - a observação crítica e criativa das atividades, das brincadeiras e interações das crianças no cotidiano; II - utilização de múltiplos registros realizados por adultos e crianças (relatórios, fotografias, desenhos, álbuns etc.); (art. 10)

Com a observação o professor pode acompanhar o desenvolvimento da criança identificando se ela está atingindo os objetivos esperados para uma determinada atividade, se os resultados foram alcançados e se a pontos que

precisam ser revistos. Para tanto, buscamos compreender: o que o professor entende sobre observação crítica e criativa? E se o professor sabe fazer uso desta observação?

Nos espaços de educação infantil, a criança tem a possibilidade de imaginar, criar, fantasiar, aprender, observar, narrar, construir conceitos e assim produzir cultura. Os profissionais devem construir um caminho formativo que valorize e respeite a diversidade, a diferença e a singularidade de cada um. O acompanhamento do desenvolvimento da criança poderá ser feito com auxílio de várias ferramentas, porém sem objetivo de seleção ou classificação, priorizando a observação crítica e criativa, durante as interações das crianças.

A Resolução Federal CNE/CEB Nº 5/2009, citada acima, dispõe que as instituições devem criar procedimentos para acompanhamento do trabalho pedagógico, por meio de registros, como por exemplo - fotografias, álbuns, relatório.

Não é necessário que tenhamos uma receita pronta de como desenvolver este trabalho de acompanhamento da criança, mas um olhar atento e sensível para a realização e a finalidade de cada registro. Neste sentido, para Freire (1996) a observação do educador exige o olhar e a escuta que envolvem uma AÇÃO altamente movimentada, reflexiva, estudiosa:

o movimento de concentração para a escuta do próprio ritmo, aquecimento do próprio olhar e registro da pauta para a observação. O que se quer observar, que hipóteses se quer checar, o que se intui que não se vê, não se estende, não se sabe qual o significado, etc

Como o professor entende o que a criança manifesta, como ele vê suas próprias atitudes e práticas educativas, distanciando-se de si mesmo para refletir sobre estas ideias, a fim de compreender, interpretar, no sentido de encontrar respostas para as situações vivenciadas.

o movimento que se dá no registro das observações, seguindo o que cada um se propôs na pauta planejada. Onde o desafio está em sair de si para colher os dados da realidade significativa e não da idealizada;

O professor busca elementos de observação e se dispõe a fazer registros diários que partem sobre a singularidade de cada criança, olhando a sua própria

identidade. Compartilhamos com Martin (2014) que cada um tem o seu processo de aprendizado, cabe ao professor criar condições para que a criança desenvolva sua personalidade e não apenas adquirir conhecimentos. (p. 54)

o movimento de trazer para dentro de si a realidade observada, registrada, para assim poder pensá-la, interpretá-la. É enquanto reflito sobre o que vi, que a ação de estudar extrapola o patamar anterior. Neste movimento podemos nos dar conta do que ainda não sabemos, pois iremos nos defrontar com nossas hipóteses adequadas e inadequadas e construir um planejamento do que falta observar, compreender, estudar. (p. 01)

A ação do professor reflexivo, que mobiliza-se por meio de questionamentos: Como o aluno aprendeu? Como se desenvolveu? Como se deu seu processo de aprendizagem? São perguntas inerentes as experiências educativas e o desejo de ensinar e aprender.

Freire (1996) complementa dizendo que o olhar pesquisador tem planejamento prévio da hipótese que vai perseguir durante a aula.

Em São José dos Pinhais, nos temos como ações de registros dos trabalhos pedagógicos desenvolvidos: o relatório de vivências, o portfólio ou pasta do aluno e o caderno perfil do aluno.

A construção do “relatório de vivências das crianças”, anteriormente tinha como nomenclatura “Parecer descritivo da criança”, que é o principal registro elaborado pelas educadoras, que se constitui em um registro individual dos avanços do desenvolvimento das crianças, que é compartilhado semestralmente com a família por meio de uma reunião pedagógica. Podendo ser utilizado, pelas professoras no ano seguinte como uma revisão dos avanços desta criança, a fim de identificar seus aprendizados, como também o que ainda necessita desenvolver.

Este relatório (em anexo) constitui-se em forma de questionário de marcar X, com legenda em AT (atende), ED (em desenvolvimento) e NT (não trabalhado), dividido por eixos de práticas educativas como, chamada, momento do desenho, roda de conversa, momento da leitura, brincadeiras, linguagem corporal, cantos de atividades, conhecimento matemático na rotina, conhecimento de si e do mundo, e música. Esta ficha serve para os dois semestres, pois há uma lacuna para o preenchimento do primeiro semestre e

outra para o segundo semestre, bem como uma campo para breves observações do professor.

Enquanto o portfólio ou pasta do aluno trata-se de um instrumento de registro, sendo uma coleção de produções da criança que apresenta evidências de suas aprendizagens, contendo 5 (cinco) atividades selecionadas pela professora ao longo de cada ano letivo.

Com relação ao caderno perfil, este é uma sugestão do departamento de educação infantil, que pode contemplar constantes registros, da atuação da criança, através de observações diversas e intervenções pedagógicas datadas e assinadas. Sendo anotações realizadas referente ao desenvolvimento da criança (cognitivo, social, emocional e motor).

Contudo, como profissionais da educação infantil do município, acreditamos que estas ações não sejam suficientes para acompanhar o processo de ensino aprendizagem de qualquer criança, tão pouco para revisar nossas práticas ou trocar experiências com as colegas de trabalho.

Pois o caderno perfil (sugestão) na nossa realidade não é utilizado atualmente, o portfólio ou pasta do aluno ainda é visto como um arquivo de atividades selecionadas pelo professor, não havendo um trabalho em conjunto do professor e da criança para esta seleção ser significativa, e o relatório de vivências é utilizado de forma classificatória, devido ao fato de não descrever detalhadamente o processo de aprendizagem da criança, desconsiderando a sua individualidade.

Sendo assim, Ostetto (2008) destaca que:

A proposta de registrar a experiência vivida, descrevendo e analisando a complexa trama do cotidiano educativo, com seus fios, laços e nós, tem sido apontada e assumida como essencial para a qualificação da prática pedagógica. Para além de uma tarefa a ser executada ou técnica a ser aplicada, o registro diário, compreendido como espaço privilegiado da reflexão do professor, converte-se em atitude vital. (p.45)

Compartilhamos com Baracho (2011) que quando não há registro do que foi visto e confia-se apenas na memória, é muito difícil que o educador consiga retomar exatamente o que aconteceu. (p. 45).

A partir desses apontamentos da nossa realidade, citados anteriormente, nos sentimos desprovidas de uma prática sensível e reflexiva, com relação a documentação pedagógica elaborada pela/para criança, a fim de registrar e acompanhar seu processo de aprendizagem.

Aqui, cabe destacar que a educação infantil ganhou visibilidade e passou a ser o segundo meio social da criança, sendo então assegurada por dispositivos legais que garantem a oferta e a qualidade da educação infantil, como também o desenvolvimento integral da criança, estabelecendo ações que permitem a observação, a documentação e a avaliação do processo de aprendizagem da criança.

Veremos a seguir a abordagem de Loris Malaguzzi, com qual nos identificamos por sua singularidade em considerar a criança como protagonista, onde Barracho (2011) afirma que a educação é vista como um processo que destaca a atuação de diversos sujeitos, a escuta do adulto, crianças e do ambiente importantes para o estabelecimento das relações educativas. (p. 30).

ABORDAGEM REGGIO EMILIA

Por mais que tenhamos muitas discussões sobre a educação de qualidade, mobilizações, diretrizes e resoluções que priorize o acesso, as produções das crianças e torne-as protagonistas da sua própria história, a abordagem Reggio Emiliana nos revela com sensibilidade o lidar com o desenvolvimento integral das crianças.

A cidade de Reggio Emilia, localizada ao norte da Itália, tem como professor, mentor e idealizador da pedagogia desenvolvida nas escolas da cidade, Loris Malaguzzi, responsável por uma abordagem centrada na criança e em todas as suas linguagens.

Nogaro (2013) relata que Reggio Emilia constitui-se no conjunto de trinta e três escolas municipais para crianças que vão da idade de alguns meses até seis anos. (p. 154). Das quais 13 são creches e 21 pré-escolas.

Percebe-se então, que a abordagem pedagógica para a Educação Infantil é centrada na criança, reconhecendo-a como um ser ativo, social e cultural, é respeitada e explorada.

Rinaldi (2013) defende que a prática da escola orienta-se por concepção acurada do “ser criança”, lugar de transmissão e de criação de valores, de reconhecimento das crianças como cidadãos. (p. 154)

Desde seu início, a abordagem de Reggio Emilia parte da concepção de uma criança potente, rica, participante ativa na construção de sua aprendizagem. Malaguzzi (1999 *apud* BARACHO, 2011, p.25).

Essa abordagem contribuiu para uma reflexão sobre como os registros são importantes para a formação do currículo, do planejamento, além de proporcionar transparência sobre o processo educativo à comunidade escolar, possibilitando assim a participação de todos.

Para Baracho (2011) a “documentação pedagógica” está consolidada como estratégia de pesquisa sobre questões relacionadas ao desenvolvimento infantil:

À forma como as crianças desenvolvem suas teorias e hipóteses sobre o mundo que as cerca, à forma de organizar o ambiente e à atuação docente. Além disso, a publicação das investigações e pesquisas elaboradas pela equipe de educadores tem a finalidade de comunicar às crianças, aos pais e à comunidade as descobertas feitas e os novos rumos do trabalho pedagógico. (p. 33).

Lembrando que o professor tem papel fundamental, nesse processo de registros e documentação pedagógica, pois é responsável por observar, por colher informações e dados, que irão ajudar a identificar pontos importantes do processo de ensino aprendizagem.

Na abordagem Reggio Emiliana a observação da criança no espaço escolar é totalmente pensada e adequada às necessidades das crianças, visando de maneira mais ampla possível a boa interação entre o adulto e a criança, além de contar com a ajuda da família. Essa abordagem contribuiu para uma reflexão de como os registros são importantes para a formação do currículo, do planejamento, além de proporcionar transparência sobre o processo educativo à comunidade escolar, possibilitando assim a participação de todos.

Desde o ingresso da criança na instituição a observação se coloca como estratégia importantíssima do trabalho pedagógico. Fazendo com que a inserção¹ da criança na escola de educação infantil aconteça de modo mais

adequado à partir das observações feitas pelos profissionais que lá atuam. Deixando cada vez mais o espaço acolhedor e acolhedor para esta pequena criança que irá deixar sua família e seu lar, para fazer parte de um novo espaço a ser explorado, a fim de desenvolver novas habilidades e assim, ir se inserindo no novo convívio social.

O processo de inserção,¹ segundo Bove (2002) requer um ambiente cuidadosamente planejado e preparado, que transmita mensagens imediatas de acolhimento e respeito a crianças e famílias.

Então, toda e qualquer interação é importante e significativa, tanto os pais como para os educadores que são fundamentais no processo de inserção da criança no cotidiano escolar. Assim, os pais levam seus filhos às escolas e ficam com eles, brincando e interagindo com as educadoras até o momento em que se sentem seguros para deixar seus filhos e irem trabalhar. (BOVE, 2002, p.135)

As educadoras observam as ações dos pais e dos filhos enquanto os adultos conversam e interagem com as crianças. Isto ocorre também pra que os pais possam explicar as singularidades dos filhos assim, apresentá-los, a fim de expor suas necessidades e anseios. Por exemplo, o jeito de pegar no colo, a maneira como fala e agrada a criança, como ela gosta de brincar, entre outras peculiaridades que cada criança tem e necessita.

Bove (2002) comenta que o professor, agindo como figura de sustentação tanto para os pais como para as crianças, facilita a reciprocidade das observações. (p. 136)

Essa relação proporciona que as crianças se familiarizem com outras crianças, com os professores e com o ambiente, se beneficiando desses vínculos para desenvolver uma visão descontraída da creche.

Tardos (1991) apresenta, o quanto é importante o contato para as experiências agradáveis nos momentos entre crianças e adultos, podendo gerar conforto ou desconforto para as crianças, assim as experiências agradáveis adquiridas durante os momentos passados juntos enriquecem e diversificam as relações entre a criança e o adulto: fazem com que as relações se tornem cada vez mais íntimas. (p. 69).

¹ Por inserção, termo usado na pedagogia italiana, estamos nos referindo ao período de ingresso da criança na instituição, comumente chamado de período de adaptação.

Dessa forma, as crianças sentem-se mais a vontade em explorar o espaço que as cercam e acabam sendo espontâneas durante o brincar e o agir.

As ações realizadas pelos profissionais na educação infantil, muitas vezes são automáticas e não dão importância para situações que podem ser importantes, deixando-as passar despercebidas. Esse ambiente coletivo para educar crianças tão pequenas caracteriza-se segundo Tristão (2006), por uma instituição de educação coletiva composta de momentos cadenciados, tácitos e rotineiros, que são vividos pelas professoras sem uma compreensão dos seus fins e intenções. (p.39).

A função da educadora está além de cuidar e educar, para isso, é necessária muita observação, olhar atento e cuidadoso para cada gesto ou movimento que ajudará o profissional a desvendar as peculiaridades de cada criança, dessa forma o ato de observar para Paula e Oliveira (1995) consiste em:

Uma prática social cotidiana ocorrendo em uma creche e investigar as relações sociais que nela ocorrem, bem como as exigências feitas ao comportamento das crianças, nos auxilia a discutir processos educativos que ocorrem naquela instituição e as formas como os mesmos contribuem para o desenvolvimento infantil. (p.94).

Por esse motivo, é necessária a intencionalidade na observação, caso contrário o professor estará apenas olhando as crianças sem qualquer critério, deixando para trás muita informação importante para o seu desenvolvimento cognitivo e social.

Conforme Malaguzzi (1998 *apud* GANDINI; EDWARDS & COLS, 2002, p. 69-70):

Os professores devem deixar para trás o modo isolado e reservado de trabalhar, o qual não deixa sinais. Em lugar disso, devem descobrir formas de se comunicar e documentar as experiências evolutivas da criança na escola. Devem preparar um fluxo constante de informação de boa qualidade dirigida aos pais, mas apreciada por crianças e professores. (p.153)

Na concepção Reggio Emiliana a documentação se constitui como uma das ferramentas indispensáveis para que os educadores possam confirmar algo que consideram relevante, criando assim experiências positivas para as crianças.

Conforme Malaguzzi (1999 *apud* GANDINI; EDWARDS & COLS, 2002, p. 74):

O nosso trabalho com documentação explicou, aos poucos, o nosso modo agir com as crianças. Forçou-nos também, de maneira agradável, a refinar os nossos métodos de observação e registro de tal maneira que os processos de aprendizagem das crianças tornaram-se base do nosso diálogo com os pais. (p. 152)

Podendo ser apresentada de muitas maneiras, incluindo materiais escritos (à mão ou digitados), em cadernos, livros, cartas, ou em outros tipos de materiais, acompanhados pelas interpretações do professor, pelos diálogos e pensamentos das crianças, que comunicam muito bem as experiências significativas dos adultos e das crianças.

Ao analisarmos os registros podemos desenvolver hipóteses sobre os interesses das crianças e os nossos interesses, questionamentos e aprendizados. Para Gandini e Goldhaber (2002):

...ganha visibilidade, aprimora o diálogo e revitaliza a esperança nas novas gerações. Traduz um sentimento de pertencimento a comunidade e sugere valores e modos de pensar aqueles que sonham e esperam por um mundo melhor, não só como expectativa, mas como direito das crianças e adultos. (p. 154).

A análise dos registros nos permite resgatar as experiências vivenciadas, ser flexíveis com o planejamento e os caminhos a serem percorridos com as crianças.

...podemos examinar os rumos que as crianças parecem estar interessadas em tomar, como e, se de fato, podemos ajudá-las (...) Isto nos permitira fazer os preparativos adequados e ser flexíveis durante o curso do nosso trabalho com as crianças. (p. 154)

Dessa forma, pode-se elaborar o que os educadores italianos chamam de “progettazione” – planejamento flexível, onde o currículo é visto como afirma Gandini e Goldhaber (2002), decorrente das observações dos professores sobre as ideias e os interesses das crianças, mas também é elaborado conforme o que os professores pensam que poderá contribuir para o crescimento delas. (p. 154)

Quando revisada, a documentação pode ser utilizada para avaliar um trabalho durante a sua elaboração, não só avaliar o que a criança aprendeu, mas o caminho que percorreu para que de fato ela aprendesse.

A documentação pode ser uma prática diária de todas as atividades da creche, a fim de entender o processo significativo de cada uma delas por meio olhar atento e cuidadoso às crianças, de maneira que nos permite realmente enxergá-las e conhecê-las.

CAPITULO II - VER E OLHAR: OBSERVANDO A OBSERVAÇÃO

Observação é o ato de observar, isso significa ter a atenção direcionada para algo específico, com o intuito de posteriormente julgar, analisar ou investigar determinada coisa ou alguém.

O olhar, segundo Tiburi (2005) é mediado, lento, porque remete a uma reflexão. Enquanto que ver é um “olhar” frio, sem interesse, com propósito de apenas tomar conhecimento de que algo existe, mas sem necessariamente internalizar a sua existência.

Ver é reto, olhar é sinuoso. Ver é sintético, olhar é analítico. Ver é imediato, olhar é mediado. A imediaticidade do ver torna-o um evento objetivo. Vê-se um fantasma, mas não se olha um fantasma. Vemos televisão, enquanto olhamos uma paisagem, uma pintura. (p.01)

A observação é uma ferramenta do olhar, entre tantas que existem, muito importante no cotidiano escolar que o educador poderá utilizar. Pois faz com que se possam perceber coisas sobre as pessoas, os espaços e as ações que são tomadas, que muitas vezes passam despercebidas, sem que se faça uso desse olhar atento.

Então, olhar e observar, por sua vez, necessita atenção especial, um momento dedicado a aquela ação – é um compromisso, uma responsabilidade, uma contemplação. O olhar é algo mais humano, preocupado com o propósito de perceber, sentir o que acontece consigo e com o mundo a sua volta. Pode-se dizer que o olhar é o “colocar-se no lugar do outro”, é o olhar o sensível, ponderado, interessado.

Podemos dizer ainda que o ver e o olhar se relacionam. O olhar complementa o ver. Para olhar é preciso, antes, ver. O ver aquilo que chamou atenção, remete ao olhar. O olhar, pós ver, é a consideração do que foi visto. Quando algo chama atenção, passamos da simples e imediata ação do ver, para ação do olhar para perceber.

Desse modo o olhar, é perceber, é existir, é conviver; vai além da ação de enxergar; é a nossa condição de compreensão para com o outro. O olhar perturba, angustia, instiga, prende a atenção, provoca reação e remete ao pensar.

Através da observação e escuta atenta e cuidadosa às crianças, podemos encontrar uma forma de realmente enxergá-las e conhecê-las. Ao fazê-lo, tornamo-nos capazes de respeitá-las pelo que elas são e pelo que elas querem dizer. (GANDINI;GOLDHABER, 2002, p.152).

A observação se faz presente na prática diária executada nas instituições de educação infantil, porque para uma boa prática docente se faz essencial a observação aguçada e a escuta atenta, afinal toda criança tem potencial para ser observada e escutada, e através disto ser conhecida pelos profissionais que iram atuar com esta criança.

Para Freire (1996) não fomos educados para olhar pensando o mundo, a realidade, nós mesmos. (p. 01). O que prejudica nossa maneira de ver tudo e todos que estão a nossa volta. Sendo que a observação é ferramenta básica para um olhar sensível e pensante. Este olhar envolve atenção e presença, o ver e escutar.

Na educação infantil é ainda mais importante, pois quando estamos em contato com as crianças as coisas que mais aprendemos com elas são através do contato direto e/ou da observação atenta. Neste caso, se faz necessária à escuta pedagógica, que se trata de uma escuta sensível e atenta com relação aos ditos do outro que está ao nosso redor, no caso da criança pequena, ditos não verbais, seus gestos, suas movimentações, expressões e acaba por nortear todo esse trabalho.

Por isso, só podemos olhar o outro e sua história, se tivermos conosco mesmo uma abertura de aprendiz que se observa (se estuda) em sua própria história, segundo Freire (1996; p. 01).

Assim, o ato de observar envolve reflexão, avaliação e planejamento, sendo essenciais para se ter perspectivas das coisas que estão ao nosso redor.

Segundo Freire (1996), o ver e o escutar fazem parte do processo da construção desse olhar. (p. 01). Também não fomos educados para a escuta. Afinal, geralmente acabamos não ouvindo o que o outro fala, e sim o que gostaríamos de ouvir. Neste sentido imaginamos o que o outro estaria falando [...] Ainda para Freire (1996) não partimos de sua fala, mas de nossa fala interna. Reproduzimos desse modo o monólogo que nos ensinaram. (p. 01).

As crianças pequenas agem de maneira distinta na presença de seus pares e dos adultos. Pois quando brincam e interagem entre si sem que aja a presença do adulto, elas falam coisas incríveis e executam atitudes muito similares a dos adultos, imitando e recriando o universo adulto em seu cotidiano. Em certas ocasiões, quando os adultos as observam, elas podem se sentirem envergonhadas e não reagem tão naturalmente. Claro que também se soltam, mas não tanto como fazem quando não estão sendo observadas diretamente.

Na hora da observação se pode fazer isso diretamente e também indiretamente. Lembrando que a observação, além de servir para conhecer as crianças, suas culturas e as maneiras de pensar, serve também para rever o que está sendo trabalhado com a criança e como o educador está participando desse percurso de aprendizagem.

Na hora da observação se pode fazer isso diretamente e também indiretamente. Lembrando que a observação, além de servir para conhecer as crianças, suas culturas e as maneiras de pensar, serve também para rever o que está sendo trabalhado com a criança e como o educador está participando desse percurso de aprendizagem.

Já a observação concreta não poderá basear -se apenas em olhar a criança e medir qual o seu potencial, para Falk (2004):

Mais que qualquer discussão teórica, a observação concreta é o que nos pode convencer da importância fundamental da atividade na vida psíquica da criança. Os parâmetros de observação [da atividade] são: a qualidade da atividade, o seu conteúdo, a sua duração e o lugar que ocupa em relação ao comportamento global da criança. (2004, p.41).

A observação também é um dos subsídios para adulto analisar e avaliar suas práticas e auxilia o professor a exercitar o olhar pesquisador que, classifica, seleciona, ordena, compara para então interpretar as situações das quais tem intencionalidade de um direcionamento. Para que possa então, verificar e explorar qual a sua afetividade com a criança, neste caso a maneira como a afeta.

Destacando aqui, que a observação não serve somente para o adulto, mas também para a criança, como relata Gandini (2002):

Como os adultos, as crianças também precisam observar, colaborar e pensar a fim de poder organizar suas ideias e, posteriormente, dá-las a conhecer. O seu cotidiano deve respeitar esse processo: as crianças são, por natureza, curiosas e estão quase sempre dispostas a investigar; elas têm uma tendência natural a gostar de elaborar teorias e de dar significado às coisas; na realidade, são, cientistas, filósofos e artistas. (p. 17)

A criança também observa e através desta observação faz suas descobertas, análises e cria as suas próprias expectativas. Pois como o adulto, também faz as suas buscas pessoais.

Segundo Gandini (2002), aprendemos que a escolha das estratégias de observação e de registro deve ser feita com cuidado, levando em consideração o contexto, o cenário, as perguntas (que precisam ter sido identificadas) e seus objetivos. Sendo assim, segundo Freire (1996):

Observar não é invadir o espaço do outro, sem pauta, sem planejamento, sem devolução e muito menos sem encontro marcado... Observar uma situação pedagógica não é vigiá-la mas sim, fazer vigília por ela, isto é, estar e permanecer acordado por ela, na cumplicidade da construção do projeto, na cumplicidade pedagógica. (p. 03)

Consideramos então que o ato de observar envolve várias ações, como a reflexão, a avaliação e o planejamento, que fazem parte do processo de pensar a realidade a qual a pessoa está inserida e dela faz parte.

Para tanto, Freire (1996) destaca que:

Observar a coordenação faz parte do pensar o que é ser educador, o que é ser educando. E enquanto o educador observa o ensinar da coordenação, que ele aprende a ser melhor aluno e também melhor educador. Pelo simples fato de que, diante do modelo, ele pensa, reflete, distancia-se, constrói conceitos-teoria do que é aprender e ensinar.

O professor assume o papel essencial de espectador, abrindo assim um leque de possibilidades de reflexão, ação e mediação, onde sob os olhares do adulto, as crianças ganham visibilidade.

SOB OS OLHARES DO ADULTO

O papel do profissional frente às crianças será, portanto, de mediador das relações entre elas e o ambiente no qual estão inseridas. (Micarello, 2010). O professor precisa estar sempre disponível para ensinar e reaprender com suas crianças.

A observação do professor se relaciona com a autonomia da criança, pois quando se observa a criança, consegue se perceber o que ela já sabe e o que tem dificuldade em aprender e/ou realizar.

Através da observação atenta e sensível que se consegue trabalhar profundamente a autonomia da criança, criando espaços e momentos para que consiga se desenvolver e realizar as atividades propostas no cotidiano, além de ensinar coisas que serão utilizadas sempre.

Baracho (2011) destaca que escutar as crianças é mudar a forma de pensar sobre elas. Neste caso, nota-se a referência a escuta pedagógica que acaba por aprender a ver e assim, conhecer as crianças que estão a frequentar as múltiplas instituições de educação infantil pertencentes ao mundo todo.

Contudo, durante nossas práticas diárias no Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) de São José dos Pinhais, podemos notar que as observações referentes às crianças, não são sempre realizadas através de um olhar sensível. A correria do dia a dia, não nos permite nos dedicar o tempo necessário para uma boa e decorrente observação participativa.

Compartilhamos com Gandini (2002) que observar as crianças e ao fazê-la, tornamo-nos capazes de respeitá-las pelo que elas são e pelo que elas querem dizer. Sabemos que, para um observador atento, as crianças dizem muito, antes mesmo de desenvolverem a fala. (p. 152)

Para Rinaldi (1999) o papel do professor é de extrema importância e pode ser feito com intencionalidade em todos os momentos:

Estamos falando sobre uma abordagem educacional baseada em ouvir ao invés de falar, em que a dúvida e a fascinação são fatores bem vindos, juntamente com a investigação científica e o método dedutivo do detetive. É uma abordagem na qual a importância do inesperado e do possível é reconhecida, um enfoque no qual educadores sabem “disperdiçar” o tempo ou, melhor ainda, sabem como dar às crianças todo o tempo de que necessitem [...] A tarefa dessas pessoas não é simplesmente satisfazer ou responder

perguntas, mas, em vez disso, ajudar as crianças a descobrir respostas e, mais importante ainda, ajudá-las a indagar a si mesmas questões relevantes. (p.114).

Aprendemos que a criança nasce um ser pensante, que ao longo de sua vida, através dos momentos que presencia e das interações que participa, acaba se desenvolvendo em todos os seus aspectos, sejam estes sociais e/ou biológicos.

O professor pode observar a criança de acordo com as características da faixa etária e o que essas crianças fazem, pensam e dizem. Comparar o que ele vê e o que ele sabe sobre as crianças, quais suas suposições e teorias a partir de suas análises.

Sendo assim, a observação na Educação Infantil pode proporcionar aos profissionais que a utilizam um reconhecimento e um aprendizado sobre a criança que está sob sua responsabilidade, como também um retorno de sua prática docente. Isto tudo a fim de auxiliar no trabalho que será executado.

A observação poderá gerar não só o conhecimento integral daquela criança que frequenta a instituição, mas também poderá gerar o conhecimento das práticas docentes. Assim, se conseguirá analisar e reconhecer a criança nos seus aspectos emocional, social e cognitivo.

A obra de Madalena Freire (1995) perpassa os vários caminhos da formação em serviço do educador, principalmente sobre o movimento de ser educador/educando sob a mediação de um coordenador e a auto formação a partir da reflexão da sua própria prática pedagógica:

Aprendemos a pensar junto com o outro, num grupo coordenado por um educador. Aprendemos a ler, construindo novas hipóteses na interação com o outro. Aprendemos a escrever organizando nossas hipóteses no confronto com as hipóteses do outro. A ação, a interação e a troca, movem o processo de aprendizagem. Função do educador é interagir com seus educandos para coordenar a troca na busca do conhecimento. A socialização da reflexão sobre a prática move o processo de formação permanente (p. 9).

A formação continuada aplicada e existente nas instituições de ensino faz parte desse papel do professor como mediador das aprendizagens propostas, como também do educador que em sua grande disponibilidade de compartilhar os conhecimentos torna-se educando.

Educar também é ser educado. Afinal quando compartilhamos conhecimentos estamos estabelecendo uma relação de troca de aprendizados. Os adultos têm muitas coisas para ensinar, porém as crianças também têm coisas para ensinar.

Nesse sentido, podemos notar que a observação é importante, porém documentá-la se faz essencial. Registrar o trabalho desenvolvido com as crianças possibilita que tomemos distância da prática para alargar a dimensão do detalhe, pois não deveríamos nos apoiar somente nas memórias dos fatos, mas realizar verificações no que fora documentado.

Compartilhamos com Ostetto (2008) que escrevendo, poderemos limpar os olhos, clarear a visão, para melhor percebermos as crianças que estão no nosso grupo, assim como as relações que vamos construindo. (p. 22)

DOCUMENTAÇÃO

Gandini (2002) defende a documentação, interpretada e reinterpretada junto com outros educadores e crianças, oferece a opção de esboçar roteiros de ação que não são construídos arbitrariamente (p. 150). Segundo Baracho (2011):

A observação, primeiro momento do processo de documentação, busca identificar situações, falas, gestos e produções das crianças que possam servir como “pistas”, indicadores dos caminhos de aprendizagem e desenvolvimento das crianças, bem como as formas de atuação do professor e suas futuras intervenções. A observação requer do educador intencionalidade, direcionamento do olhar (delimitação de intenções), sistematização e clareza do que fazer com que foi observado. (p.26)

O registro faz parte da observação criteriosa que requer do educador tempo dedicado e direcionamento do olhar.

Segundo Ostetto (2008) registrar é o exercício do cotidiano vivido com as crianças:

... é uma aprendizagem e um grande desafio, principalmente porque o educador, para tanto, precisa necessariamente *observar* ações, reações, interações, proposições não só das crianças, mas suas também. (p. 21) grifo do autor

Devendo sempre refletir e discutir sobre as observações, realizando assim uma prática reflexiva. Então só assim, escolher com cuidado as estratégias de observação e registro.

Gandini (2002) destaca a importância das muitas maneiras de registro da observação:

... a fim de poder examinar e refletir, é necessário que registremos o que vemos e ouvimos, elaborando registros significativos das nossas observações. Podemos fazer anotações rápidas que posteriormente reescreveremos de maneira extensa, gravar em fitas cassete as vozes e as palavras das crianças ao interagirem entre si ou conosco. Também podemos tirar fotografias ou *slides*, ou até mesmo gravar fitas de *vídeo* que mostrem as crianças e os professores em atividade. O próprio trabalho das crianças e as fotografias desse trabalho devem ser considerados essenciais. (p. 03)

Notamos que podem ser considerados os vários tipos de observação, como anotações, vídeos, fotos, áudios, atividades das crianças, falas durante uma conversa, em fim tudo o que possa ser depois utilizado para realizar até mesmo a avaliação integral da criança. Neste caso, sempre se deve registrar o que se vê e ouve, destacando que cada uma dessas ferramentas de observação tem características específicas e pode limitar o que será registrado.

Após se realizar a coleta das informações feitas através das diversas maneiras de observações, se faz necessário preparar estas, para que possa haver a sua discussão e interpretação. Pois como destaca Gandini (2002), as anotações precisam ser cuidadosamente lidas e organizadas, os registros precisam ser transcritos e as transcrições precisam ser lidas e destacadas.

Há que se levar em conta/considerar em relação a faixa etária de 0 a 3 anos que as formas de registro precisam contemplar “a diversidade de formas de expressão presentes e a não – centralidade da fala (...) outro fator deriva da dinâmica das relações.” (COUTINHO, 2002, p. 01)

Quando as crianças são pequenas o registro escrito pode não dar conta de tantos episódios simultâneos, como gestos, choro e olhares. Então para coletar essa riqueza de detalhes se faz necessário dispor de outros recursos de registro.

Portanto, cabe ressaltar a importância da fotografia e do vídeo, a serem utilizados como meios de observação. Pois quando tiramos uma foto e esta é

depois analisada, se pode notar coisas que na hora em que a foto foi tirada não se conseguiu observar. Isto porque a imagem sempre possui riquezas de detalhes. Então a fotografia funciona como recurso para alimentar a compreensão acerca das práticas e concepções de educação nas instituições de ensino. Segundo Guimarães (2009):

De outro lado, a fotografia também pode ser entendida como exercício crítico, na medida em que o fotógrafo seleciona o extrato da realidade que registra, escolhendo ângulo, foco, iluminação e outros filtros que não só fixam a realidade mas produzem sentidos possíveis sobre ela.(p.87).

As filmagens também podem nos revelar momentos que passaram despercebidos, mesmo para um olhar curioso, uma nova percepção ou até mesmo novas pistas e futuras intervenções.

Assim, todos os recursos utilizados para subsidiar a observação são muito importantes, pois tudo o que se utiliza de maneira direta ou indireta acaba tendo uma finalidade.

As observações, para Barbosa (2010) precisam ser documentadas, registradas e compartilhadas, para que possam ser analisadas, por isso a autora afirma que:

Para poder compreender e comunicar-se com um bebê pequeno é preciso observar. É através de diferentes técnicas de observação, dirigida, natural, com o uso de instrumentos como máquina fotográfica ou de filmagem, que nos aproximamos do modo como às crianças se relacionam com o mundo e com as outras crianças produzindo as suas vidas. (p.10).

Podemos compreender que a documentação nos auxilia a enxergar o outro, entender aonde conseguiremos chegar e aonde podemos melhorar na prática com as crianças, e então conseguir contribuir para com o desenvolvimento delas.

De acordo Gandini e Goldhaber (2002), a documentação Pedagógica não é meramente uma coleta de dados (p. 151), ela abrange a observação atenta e a escuta sensível que influi o registro, que é realizado de diversas formas, são os repertórios, pontos de vista, esteio teórico dos observadores. Por este motivo, os professores têm a prática de compartilhar, analisar e dialogar sobre seus registros com seus pares.

Dessa forma, a documentação não é vista como um fim, ou uma culminância, mas como um processo de criação, interação e reflexão, o que torna possível que o planejamento seja flexível, (GANDINI; GOLDHABER, 2002). As autoras alertam que os professores precisam inventar e repensar seus instrumentos de coletas e registros das informações que são importantes para cada contexto em particular, (GANDINI; GOLDHABER, 2002, p. 153).

Então a documentação não é o fim de um processo, mas sim todo ele. Pois na documentação escrevemos, relatamos e mostramos de diferentes maneiras, como a criança se desenvolveu durante um tempo determinado na instituição que frequenta.

É através da documentação que se pode compreender e analisar o percurso que tomamos em relação as ações que executamos no nosso dia a dia, identificando assim, os acertos e erros, para um aperfeiçoamento da prática pedagógica.

Gandini (2002) considera a documentação um processo cooperativo que ajuda os professores a escutar e observar as crianças com que trabalham, possibilitando, assim, a construção de experiências significativas com elas. (p.01)

Não é só a produção pela produção de documentos, é necessário revisá-los para compreender os caminhos, segundo Gandini e Goldhaber (2002):

Quando revemos a documentação, podemos comparar nossas previsões com as novas ideias emergentes. [...] Ao fazermos isso, estamos avaliando um trabalho durante a sua elaboração. Podemos avaliar não só o que as crianças entendem e sabem, mas também o caminho que as leva a saber. (p.157).

Gandini e Goldhaber (2002) apresentam a documentação como um ciclo de investigação, onde existem etapas definidas, mas não são lineares ou delimitadas.

A imagem abaixo representa o ciclo de documentação que assume uma forma espiral, podendo movimentar-se ascendente ou descendente, do qual as autoras apresentam as etapas de um ciclo de documentação com: formulação de perguntas, observação, registro e coleta dos materiais, organização das observações e dos materiais, análise e interpretação das observações e dos materiais: construção de teorias, reformulação das perguntas e planejamento e respostas.

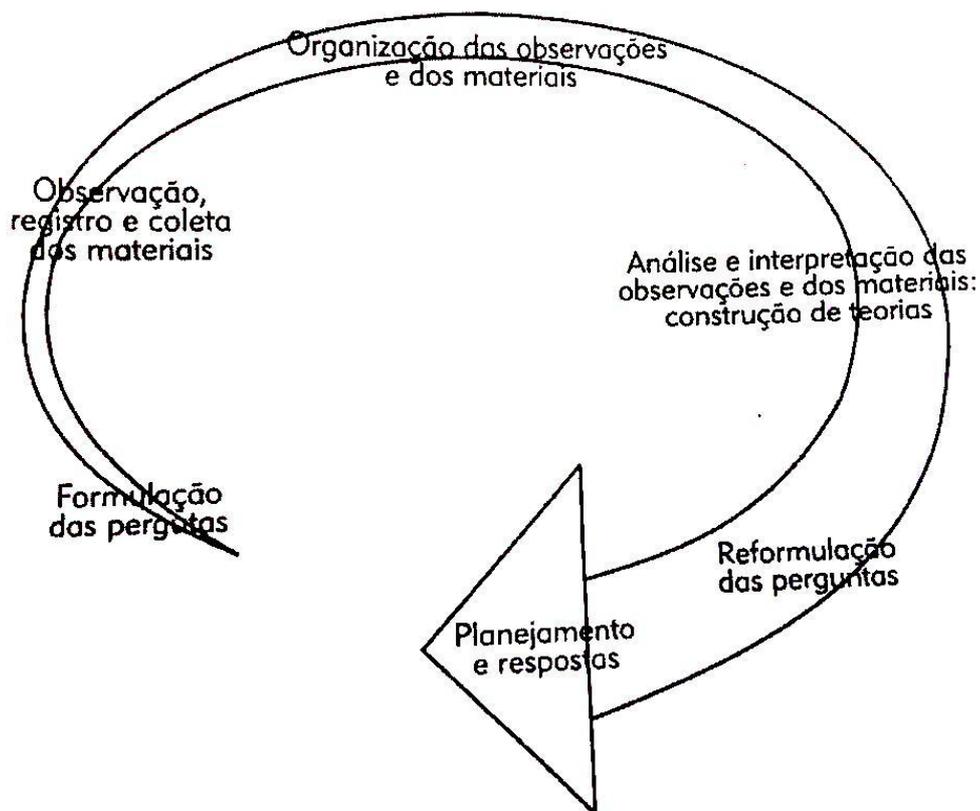


Figura 1: O processo de documentação como ciclo de investigação.

Fonte: Gandini (2002, p. 162)

Esta documentação se faz necessária na educação infantil, como enfatiza Gandini (2002):

Na educação infantil, quando documentamos algo, estamos deliberadamente optando por observar e registrar os acontecimentos em nosso ambiente a fim de pensar e comunicar as surpreendentes descobertas do cotidiano das crianças e os extraordinários acontecimentos que ocorrem nos lugares em que elas são educadas.(p. 01)

A autora destaca também a importância de rever a documentação feita com a criança:

Rever a documentação junto às crianças permite-nos ajudá-las a se conscientizarem da própria aprendizagem e a aprenderem a construir o próprio conhecimento. Além disso, quando as crianças revêm a documentação juntas, tendem a relembrar os outros das suas idéias, o que lhes dá uma sensação de valor e aceitação (2002, p. 07)

A criança deve estar presente e fazer parte de qualquer avaliação realizada a fim de analisar junto ao educador o seu processo de aprendizagem. Pois a criança, neste caso torna-se o centro dessa documentação que fora gerada por uma aguçada observação realizada pelo educador que a observa. Pois, segundo Gandini (2002) “os observadores são „observadores-participantes“, que estão interessados em registrar cuidadosamente as várias partes das informações” (p. 02).

Gandini (2002), refere-se a documentação como um processo que abre portas e estimula os esforços das crianças em entender e se fazer entender, permitindo-lhes revisar seus pensamentos sobre o mundo físico e social, reconsiderar suas teorias, reformular suas perguntas e escutar atentamente umas às outras enquanto constroem conjuntamente seus significados e seus relacionamentos. (p.12).

Essa abordagem de documentação é muito significativa para um trabalho voltado a observação, a fim de se avaliar através das ações das crianças, além de serem elaboradas as atividades e práticas diárias em cima delas. Assim, até os espaços são elaborados e ajustados as necessidades das crianças e do seu grupo, através da observação antes executada.

Avaliação é um processo estruturante da experiência educativa. Deve-se interpretar processos no lugar de esperar resultados. O registro é um dos instrumentos metodológicos do trabalho do professor, que embasa a avaliação e faz com que os professores tornem-se autores da sua própria prática. Para Luckesi (2008):

O termo avaliar tem sua origem no latim, provindo da composição de a - valere, que quer dizer “dar valor a”. Porém, o conceito “avaliação” é formulado a partir das determinações da conduta de “atribuir um valor ou qualidade a alguma coisa, ato ou curso de ação...”, que, por si, implica um posicionamento positivo ou negativo em relação ao objeto, ato ou curso de ação avaliado. Isso que dizer que o ato de avaliar não se encerra na configuração do objeto em questão, exigindo uma tomada de posição favorável ou desfavorável ao objeto de avaliação, com uma conseqüente decisão de ação (p. 92).

Para se realizar a avaliação se fazem necessários registros que estão inteiramente ligados ao processo de observação, que se faz presente em todos

os dias e momentos de interação que são decorrentes nas escolas de educação infantil. Segundo Baracho (2011):

Avaliar é um processo estruturante da experiência educativa e da gestão e acontece em diversos âmbitos, por exemplo, nos aspectos profissionais dos adultos e na organização e qualidade do serviço oferecido. É vista como uma oportunidade para reconhecer e rever as ações relacionadas aos princípios do projeto educativo e configura-se como ação pública e de interpretação. (p.39)

Lembrando que a avaliação da criança deve ser vista dentro de suas possibilidades sociais e culturais. Sendo assim, avaliação e observação estão diretamente conectadas.

Para Silva (2012) avaliar está além de investigar, avaliar sugere novas possibilidades ao educador:

Avaliar a aprendizagem significa investigar as potencialidades já estabelecidas no educando, seus limites, seus traços e seus ritmos específicos de desenvolvimento. Ao mesmo tempo, a avaliação oportuniza ao educador uma análise dos métodos e da maneira como está conduzindo-os, tendo em vista que este procedimento é reflexivo e poderá ser alterado em sentido de aperfeiçoar a ação docente e a aprendizagem do educando, oferecendo melhorias para que o aprendiz consiga alcançar a mais um nível, tendo consigo um aprender significativo. (p.2).

A avaliação permite que o educador observe as potencialidades do educando, mas também, sua auto avaliação de maneira a revisitar suas práticas e se necessário, aperfeiçoar gradativamente em benefício do ensino aprendido.

Segundo Hoffman (2012), avaliar não é julgar, mas acompanhar um percurso de vida da criança, durante o qual ocorrem mudanças em múltiplas dimensões com a intenção de favorecer o máximo possível seu desenvolvimento. (p.13).

Finalizamos este capítulo destacando como a documentação faz parte de um processo de dedicação realizado pelo professor, e para tanto podemos educar nosso olhar aos detalhes do cotidiano da criança, fazendo primeiramente anotações rápidas para mais tarde, revisitar, reorganizar e compartilhar essas experiências. Para Gandini (2002):

As nossas observações podem servir de base para a comunicação. Podemos refletir sobre elas junto aos nossos colegas e comparar nossos pontos de vista a fim de construir uma interpretação multifacetada do que vimos e ouvimos enquanto observávamos as crianças. (p. 154).

A documentação poderá ser discutida e compartilhada com outros professores, a fim de trocar experiências das práticas realizadas, desenvolver hipóteses e novos rumos de um planejamento flexível e que principalmente, respeite a individualidade e os interesses das crianças.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL,1998), que não é um documento que normatiza, mais sim subsidia e orienta as propostas pedagógicas e as práticas educativas, que foi bastante utilizado, enfatiza que “a observação e o registro” são os principais instrumentos para avaliar a criança, assim como a prática do professor em sala, favorecendo uma visão integral das crianças ao mesmo tempo em que revela sua individualidade. A escrita é o meio mais acessível para o registro das observações, outras como: a gravação de áudio e vídeo, produções das crianças ao longo do tempo, fotografias, etc. também podem contribuir.

CAPÍTULO III - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo entender a fundamentação relacionada ao processo de observação na educação infantil, buscando compreender entre alguns aspectos as funções metodológicas da observação para as práticas educativas.

A pesquisa bibliográfica realizada contou com documentos legais nacionais que asseguram a educação infantil, e com autores que dialogavam sobre a importância da observação por meio de uma escuta atenta e sensível da criança. Para alguns autores, como Baracho (2011), Bove (2002), Gandini (2002), Rinaldi (2012) com seus ideais baseados na Pedagogia da Escuta, com base em Loris Malaguzzi, que ressalta ser a criança capaz de criar significados para suas experiências.

Identificamos que a observação é uma, entre as estratégias que podem ser utilizadas no cotidiano escolar, sendo necessária para uma boa prática docente, que enriquece o trabalho do professor e influencia na elaboração da documentação pedagógica.

A observação está presente em todos os momentos, sejam estes brincadeiras dirigidas ou não dirigidas, realização das atividades propostas, e as interações entre crianças ou delas com os adultos. Neste caso, se pode constatar que a observação é um entre outros importantes “fazer” na prática docente, necessitando ser realizada e repensada todos os dias, visando o desenvolvimento integral da criança.

Escolhemos o tema “A observação sensível na educação infantil” para podermos entender mais sobre esse assunto que quase não vivenciamos em nossas práticas diárias nos Centros Municipais de Educação Infantil em São José dos Pinhais.

Após a pesquisa realizada, percebemos a necessidade de se realizarem novas e mais pesquisas neste contexto, visando a observação como um campo de prática indispensável para o cotidiano escolar, principalmente na área da educação infantil, pois permite uma análise dos processos de ensino-aprendizagem, das relações estabelecidas entre os pares e uma auto avaliação tanto dos conteúdos que foram trabalhados, como das práticas docentes realizadas.

Permitindo que o professor utilize de ferramentas diversas como fotos, vídeos e registros escritos a mão ou digitados, para subsidiar a documentação fiel dos enredos que se passam nos espaços escolares, sem perder a essencialidade dos detalhes vivenciados pelas crianças. Dessa forma, após documentar o professor pode rever, refletir e socializar experiências, podendo construir um aprendizado com base em sua prática.

Notamos a necessidade de um professor observador que seja participante do processo de interação entre as crianças e com elas, a fim de educar e ao mesmo tempo ser educado, não somente transferindo conhecimentos, mas os compartilhando. Baseado numa formação continuada voltada para a prática das crianças configurada nos fazeres e nos saberes, com perspectiva nas suas necessidades e seu desenvolvimento integral.

A partir desse estudo conseguimos refletir sobre as nossas próprias práticas diárias, tentando cada vez mais, adquirir uma escuta pedagógica, mediadora e refinada, que possa enriquecer a nossa prática docente, aliando a observação e a documentação, como parte imprescindível do processo educativo.

ANEXO

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ DOS PINHAIS
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO INFANTIL
CMEI XXXXXXXX
Relatório de Vivências na Educação Infantil – 2º Semestre –
INFANTIL 3

CRIANÇA: _____ **EDUCADORAS:** _____
TURMA: _____

LEGENDA: Atende – AT / Em desenvolvimento – ED / Não trabalhado – NT

| PRÁTICAS EDUCATIVAS | 1º SEMESTRE | | | 2º SEMESTRE | | |
|---|-------------|---|---|-------------|---|---|
| | T | D | T | T | D | T |
| CHAMADA | | | | | | |
| Participa do momento da chamada com atenção. | | | | | | |
| Atende quando é chamado pelo nome. | | | | | | |
| Reconhece no crachá a sua foto e dos colegas. | | | | | | |
| Realiza tentativas de escrita do nome próprio na identificação de suas produções. | | | | | | |
| Reconhece a semelhança entre a letra inicial de seu nome e as demais iniciais dos colegas que também possuem a mesma letra. | | | | | | |
| | | | | | | |
| | | | | | | |
| Observações 2º Semestre: | | | | | | |

| MOMENTO DO DESENHO | T | D | T | T | D | T |
|--|--|---|---|---|---|---|
| | Explora a utilização de diferentes possibilidades de riscantes e suportes. | | | | | |
| Percebe e reconhece diferentes registros gráficos que podem fazer ao desenhar. | | | | | | |
| Experimenta situações que favoreçam a aprendizagem dos elementos da linguagem visual, cores, texturas, formas, linhas, estilos, ponto e contraste. | | | | | | |
| Explora diferentes posições corporais para desenhar. | | | | | | |
| Aprecia situações de apreciação de produções artísticas próprias e dos colegas. | | | | | | |
| Participa das atividades de arte com dedicação/concentração. | | | | | | |
| Participa de situações que possibilitem a ampliação da criatividade, da imaginação e do senso estético. | | | | | | |
| | | | | | | |
| | | | | | | |
| Observações 2º Semestre: | | | | | | |

| Roda da Conversa | T | D | T | T | D | T |
|--|----------|----------|----------|----------|----------|----------|
| Participa e comunica-se em espaços de conversa coletiva, apoiando-se não apenas na fala complementar do adulto, mas também em sua memória e em seus próprios recursos expressivos. | | | | | | |
| Nomeia e identifica objetos do cotidiano em situações de comunicação para atender as suas necessidades. | | | | | | |
| Expressa-se oralmente em diferentes situações de interação. | | | | | | |
| Relata situações, brincadeiras, fatos, sentimentos e ideias do cotidiano. | | | | | | |
| Demonstra habilidades orais por meio do uso de frases. | | | | | | |
| | | | | | | |
| | | | | | | |
| Observações 2º Semestre: | | | | | | |

| Momento da Leitura | T | D | T | T | D | T |
|---|----------|----------|----------|----------|----------|----------|
| Aprecia visualizar e folhear livros e revistas que estão expostos no ambiente. | | | | | | |
| Participa de situações de leitura, contando fatos relacionados com as histórias contadas. | | | | | | |
| Demonstra interesse no momento da leitura. | | | | | | |
| Demonstra postura de leitor em situações que envolvam o faz- de- conta. | | | | | | |
| Reconta histórias ouvidas utilizando-se de recursos expressivos próprios. | | | | | | |
| Reconhece e relata sequências significativas de histórias a partir das imagens/ilustrações de um livro. | | | | | | |
| | | | | | | |
| | | | | | | |
| Observações 2º Semestre: | | | | | | |

| Brincadeiras | T | D | T | T | D | T |
|---|----------|----------|----------|----------|----------|----------|
| Aprecia os brinquedos diversos, onde imita ações do cotidiano com seus colegas. | | | | | | |
| Participa de diferentes brincadeiras que lhe proporcionem o controle sobre o corpo e o movimento. | | | | | | |
| Explora os espaços internos e externos de diferentes formas: agachada, se | | | | | | |

| | | | | | | |
|---|----------|----------|----------|----------|----------|----------|
| arrastando, pulando e rolando. | | | | | | |
| | | | | | | |
| | | | | | | |
| Observações 2º Semestre: | | | | | | |
| Linguagem Corporal | T | D | T | T | D | T |
| Conhece, controla e nomeia as partes do próprio corpo. | | | | | | |
| Explora e conhece as possibilidades do próprio corpo e suas limitações. | | | | | | |
| Comunica-se utilizando movimentos corporais. | | | | | | |
| Aceita e participa de situações de exploração do corpo através de desafios. | | | | | | |
| Explora a coordenação corporal na execução de diferentes formas de movimento. | | | | | | |
| Participa de situações que envolvam movimentos corporais, (andar, puxar, lançar, pegar, quicar, empurrar, carregar, correr e lançar). | | | | | | |
| Experimenta as potencialidades e limites do próprio corpo (força, resistência, flexibilidade e coordenação motora). | | | | | | |
| Vivencia situações de exploração do corpo, por meio de desafios (escalar, arrastar, pendurar, balançar, equilibrar, subir, descer, rolar, girar agachar). | | | | | | |
| Explora elementos da dança. | | | | | | |
| | | | | | | |
| | | | | | | |
| Observações 2º Semestre: | | | | | | |

| | | | | | | |
|--|----------|----------|----------|----------|----------|----------|
| Cantos de atividades | T | D | T | T | D | T |
| Demonstra suas preferências sobre brinquedos e espaços no CMEI. | | | | | | |
| Apresenta autonomia para utilizar os espaços e materiais disponibilizados. | | | | | | |
| | | | | | | |
| | | | | | | |
| Observações 2º Semestre: | | | | | | |

| | | | | | | |
|--|----------|----------|----------|----------|----------|----------|
| Conhecimento matemático na rotina | T | D | T | T | D | T |
| Acompanha a passagem do tempo em calendário. | | | | | | |
| Demonstra noções de perto/longe, | | | | | | |

| | | | | | | |
|---|--|--|--|--|--|--|
| parte/todo, dentro/fora, pequeno/grande. | | | | | | |
| Demonstra noções de dia/noite, manhã/tarde, presente/passado/futuro, antes/agora/depois. | | | | | | |
| Demonstra noções de comprido/curto, longe/perto. | | | | | | |
| Manipula e explora objetos e brinquedos de diferentes tipos, tamanhos, formatos bem como vivencia suas possibilidades associativas (empilhar, rolar, transvasar, encaixar). | | | | | | |
| Recompõe e remodela objetos percebendo as mudanças que ocorrem. | | | | | | |
| Vivencia situações que possibilitam a classificação de objetos. | | | | | | |
| | | | | | | |
| | | | | | | |
| Observações 2º Semestre: | | | | | | |

| Conhecimento de si e do mundo | T | D | T | T | D | T |
|---|----------|----------|----------|----------|----------|----------|
| Expressa escolhas. | | | | | | |
| Expressa e reconhece sentimentos. | | | | | | |
| Aplica estratégias para enfrentar os conflitos provenientes da interação com o outro. | | | | | | |
| Conhece, controla percebe as necessidades e sensações de seu corpo. | | | | | | |
| Sabe diferenciar-se como um ser individual, com características próprias, construindo sua identidade e auto-imagem. | | | | | | |
| Executa movimentos de vestir-se ou desnudar-se e calçar-se. | | | | | | |
| Reconhece situações de perigo identificando elementos que lhe causam medo. | | | | | | |
| Reconhece seus pertences, os das outras crianças, compartilhando quando necessário. | | | | | | |
| Organiza brinquedos, materiais e objetos. | | | | | | |
| Situações que envolvam o meio ambiente: semear, plantar, colher, conservar e respeitar a natureza. | | | | | | |
| Demonstra suas preferências sobre brinquedos e espaços. | | | | | | |
| Solicita e presta ajuda. | | | | | | |
| Reconhece alguns seres vivos e seu modo de vida. | | | | | | |
| | | | | | | |
| Observações 2º Semestre: | | | | | | |

| Música | T | D | T | T | D | T |
|---|----------|----------|----------|----------|----------|----------|
| Percebe os elementos básicos do som (altura, intensidade, duração, timbre). | | | | | | |
| Percebe o som e o silêncio nas obras musicais, brincadeiras e jogos. | | | | | | |
| Reconhece músicas preferidas. | | | | | | |
| Aprecia obras do cancioneiro do folclore infantil, músicas populares, regionais, clássicas, cantadas, instrumentais, canções, acalantos e cantigas. | | | | | | |
| Acompanha canções com objetos sonoros ou instrumentos musicais e sonoriza histórias. | | | | | | |
| Demonstra possibilidades vocais. | | | | | | |
| Aprecia música ao vivo e vídeos de músicos, orquestras, instrumentos musicais e solos instrumentais. | | | | | | |
| | | | | | | |
| | | | | | | |
| Observações 2º Semestre: | | | | | | |

REFERÊNCIAS

BARACHO, Nayara. **A documentação na abordagem de ReggioEmilia para a Educação Infantil e suas contribuições para as práticas pedagógicas: um olhar e as possibilidades em um contexto brasileiro.** São Paulo, 2011.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. **As especificidades da ação pedagógica com os bebês.** Consulta Pública. Brasília: Ministério da Educação, 2010. Disponível em: www.mec.gov.br Acesso em: setembro de 2010.

BOVE, Chiara. **Inserimento: uma estratégia para delicadamente iniciar relacionamentos e comunicações.** In: In: GANDINI, Lella; EDWARDS, Carolyn. **Bambini: a abordagem italiana à educação infantil.** Porto Alegre: ArtMed, 2002, p. 134-149.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução nº 05, de 2009.** Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília, DF, 2009.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Parecer nº 20, de 2009.** Revisão das Diretrizes Curriculares para a Educação infantil. Brasília, DF, 2009a.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil 1988.**

BRASIL. Lei n. 12.796, de 04 de abril de 2013. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário oficial da União,** Brasília, DF, 2013.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário oficial da União,** Brasília, DF, 2006. BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Indicadores de qualidade na educação infantil.** Brasília: MEC/SEB, 2009c.

COUTINHO, Angela M. S. **Educação Infantil: espaço de educação e cuidado.** In: XXV Reunião Anual da ANPED, 2002. (digitalizado).

FREIRE, Madalena. **Observação, registro e reflexão. Instrumentos metodológicos I.** 2ª ed. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.

GANDINI, Lella. Duas Reflexões sobre a Documentação. In: GANDINI, Lella e EDWARDS, Carolyn (orgs). **Bambini: a abordagem italiana à educação infantil.** Porto Alegre: ArtMed, 2002. p. 150-169.

GUIMARÃES, Daniela; KRAMER, Sonia. **Nos espaços e objetos das creches, concepções de educação e práticas com as crianças de 0 a 3 anos.** In: KRAMER, Sonia (Org.). **Retratos de um desafio: crianças e adultos na Educação Infantil.** 1ª ed. São Paulo: Ática, 2009, p. 82-94.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação e educação infantil: Um olhar sensível e reflexivo sobre a criança**. 18ª edição, Porto Alegre, Editora Mediação, 2012, p. 13-19.

MICARELLO, Hilda. **Avaliação e transições na Educação Infantil**. Agosto, 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=&gid=6671&option>. Acesso em setembro/2017.

NOGARO, Arnaldo. *Perspectiva*, Erechim. v. 37, n. 140, dezembro/2013.

OSTETTO, Luciana Esmeralda (org.). **Educação Infantil: saberes e fazeres de formação de professores**. Campinas, SP: Papirus, 2008.

RINALDI, Carla. **Diálogos com ReggioEmilia: Escutar, investigar e aprender**. Tradução de Vania Cury. São Paulo: Paz e Terra, 2012, p. 135-138.

SAMBRANO, Taciana M. **Relação instituição de educação infantil e família: um sonho acalentado, um vínculo necessário**. In: ANGOTTI, Maristela (org.). *Educação infantil: para que, para quem e por quê?* 3ª ed. Campinas: Alínea, 2010, p. 139-155.

SÃO JOSÉ DOS PINHAIS. **Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil da Rede Pública Municipal**. São José dos Pinhais. SEMED, 2004.

SILVA; Tânia Zanatta. **Avaliação na Educação Infantil: um breve olhar na avaliação da aprendizagem**. *Revista Thema*. 2012. p. 14.

SOUZA; Ana Maria Costa de. **Educação Infantil: uma proposta de gestão municipal**. Campinas, SP: Papirus, 1996. (Coleção Magistério: formação e trabalho pedagógico). p. 25-52.

TARDOS, Anna. **La mà de l'educadora**. In: *Infancia. Revista de la asociación de maestros Rosa Sensat*. Barcelona, n.58, jan-fev. 1991, p. 69-77.

TARDOS, Anna; SZANTO, Agnes. **O que é autonomia na primeira infância?** In: FALK, Judit (org.). *Educar os três primeiros anos: a experiência de Lóczy*. Tradução de Suely Amaral Mello. Araraquara: JM Editora, 2004, p. 33-46.

TRISTÃO, Fernanda C. **A sutil complexidade das práticas pedagógicas com os bebês**. In: MARTINS FILHO, Altino J. (et al.). *Infância plural: crianças do nosso tempo*. Porto Alegre: Mediação, 2006, p. 39-58.